

MEMES, GENES E CONSCIÊNCIA

MEMES, GENES AND CONSCIOUSNESS

Márcio Francisco Rodrigues Filho*

RESUMO

Aqui pretendo defender que o conceito de consciência de Daniel Dennett é incompleto, pois é constituído de uma teoria falaciosa, a saber, os memes. Para Dennett a consciência humana não passa de coleção de memes a formar uma máquina virtual que roda na arquitetura paralela de nossos cérebros. Penso que os memes não são uma analogia correta com os genes em um aspecto relevante. Por isso, defenderei que se os memes não podem dar explicação evolucionista correta à cultura humana, tão pouco, podem formar um conceito de consciência correto.

PALAVRAS-CHAVE: Dennett; Dawkins; Memes; Genes; Consciência

ABSTRACT

Here I intend to argue that the concept of consciousness Daniel Dennett is incomplete because it consists of a fallacious theory, namely, the memes. For Dennett human consciousness is nothing but collection of memes to form a virtual machine that runs on the parallel architecture of our brains. I think that memes are not a proper analogy with genes in a material respect. That is why, I defend memes can not give correct evolutionary explanation for human culture, as little may form a correct concept of consciousness.

KEYWORD: Dennett; Dawkins; Memes; Genes; Consciousness

* Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CAPES/PROSUP), também é mestre e graduado em Filosofia pela mesma instituição. Atuou como Jornalista em jornais do interior do RS e da capital como repórter, diagramador e colunista sob o Registro nº: 15689. Foi bolsista de iniciação científica na área da pedagogia e professor da rede pública do estado do Rio Grande do Sul. Hoje como bolsista pesquisa nas áreas da filosofia da mente, filosofia política e ciências cognitivas.

1. A CONSCIÊNCIA PARA DENNETT É UMA COLEÇÃO DE MEMES?

Uma vez que neste artigo procurarei argumentar que o conceito de consciência dennettiano é incompleto porque recorre a um conceito falacioso (os memes) em sua composição conceitual do que constitui a ontologia da consciência, precisarei fazer três coisas: primeiro, apresentar o conceito de consciência de Dennett e do que ele é constituído para mostrar que ela, a consciência, para Dennett é uma coleção de memes. Depois, em segundo lugar, apresento o conceito de memes, que acredito ser falacioso, mas é usado por Dennett para compor seu conceito a respeito do que seja a consciência. Por fim, apresento contraexemplos à tese de que os genes e memes são análogos, argumentando em defesa de que memes não podem dar uma boa explicação baseada em uma analogia, para evolução da cultura.

Na visão de Dennett¹ a consciência é uma habilidade, pois assim como nós apreendemos com o passar do tempo a ordenhar vacas e domar cavalos, também apreendemos de certo modo, a ordenhar e domar *as nossas mentes conscientes* e, as das outras pessoas. Isso porque, as técnicas de estimulação e autoestimulação estão entranhadas em nossa cultura, assim como em nossa educação. Nossa cultura e educação se converteram em uma espécie de depósito, segundo Dennett. Esse depósito é um meio de nós transmitirmos inovações para nós e as outras pessoas. Não apenas inovações sobre a consciência e o seu projeto, mas também do meio para evolução da nossa espécie, de maneira geral. (DENNETT, 1995, p.212). Mas agora, antes de vermos a apropriação de Dennett do conceito de memes para compor o seu conceito de consciência, façamos uma pausa para responder a seguinte questão: o que é a consciência humana, segundo Dennett, ou seja, qual a sua ontologia?

¹Daniel Dennett é um dos mais importantes filósofos contemporâneos vivos, professor e pesquisador do Centro de Estudos Cognitivos da Tufts University em Boston, nos E.U.A., “discípulo” de Quine (1908-2000) em Harvard, de quem herdou o naturalismo, ou seja, a ideia de que a filosofia deve ser uma aliada da ciência ou um prolongamento desta. Também foi um discípulo de Ryle em Oxford, pois Dennett pertence a uma linguagem filosófica profundamente marcada pela análise da linguagem, especialmente dos termos psicológicos (TEIXEIRA, 2008, p.18).

A consciência humana é, ela própria, uma imensa coleção de memes (ou, mais precisamente, efeitos-meme em cérebros) que podem ser melhor compreendidos com a operação de uma máquina virtual “Von Neumannesca” implementada na arquitetura paralela de um cérebro que não foi projetado para nenhuma atividade do gênero (DENNETT, 1995, p.223).

Como vemos nesta passagem, para Dennett a consciência são os efeitos, ou seja, as experiências que temos das atividades dos memes nas nossas cabeças. Estes memes, isto é, as ideias que estão vagando em nossas cabeças são produzidas por uma máquina virtual. Máquina esta que é estilo Von Neumann.² O que é uma máquina Von Neumannesca? É um programa de computador, um software. Dennett é um funcionalista a respeito do mental³ para ele, a mente é um programa de computador, um software a rodar num hardware. Este software roda as nossas ideias e elas causam de alguma forma as nossas experiências conscientes que temos, mas não há nenhum fenômeno subjetivo aqui, segundo Dennett. Apenas um software (mente) a rodar em algo análogo a computadores comuns (cérebro) (FILHO, 2014).

Para Dennett, o nosso hardware que roda o software é exatamente o nosso cérebro, ou seja, uma máquina, um disco duro, rígido feito pela natureza. Cérebro, ou seja, hardware este (cérebro) que não foi projetado, selecionado pela *seleção natural*⁴ para ter, por algum

²John Von Neumann nasceu em Margittai 1903 e morreu em Whashington D.C dia 8 de fevereiro de 1957. Foi um extraordinário matemático húngaro de origem judaica, naturalizado estadunidense, que contribuiu com a teoria dos conjuntos, com a teoria dos conjuntos, com a análise funcional, teoria ergódica e com a física quântica, com a ciência da computação, economia, teoria dos jogos e a análise numérica, além da hidromecânica das explosões e muitas outras áreas ligadas com a matemática. É considerado um dos mais importantes matemáticos do século XX. Participou do projeto Manhattan, responsável pelo desenvolvimento das primeiras bombas nucleares atômicas e foi professor na Universidade de Princeton e um dos construtores do ENIAC (FILHO, 2007).

³Funcionalismo na filosofia da mente é a doutrina que explica que aquilo que faz algo ser um estado mental de um tipo particular, não depende de sua constituição interna, ou seja, do seu material, antes, o que faz uma coisa ser um estado mental é a sua função, ou seja, a forma como o estado mental funciona, ou o papel que ele desempenha no sistema do qual ele é uma parte. Esta doutrina está enraizada na concepção da Alma de Aristóteles e tem antecedentes na concepção da mente como uma "máquina de calcular" de Hobbes, mas tornou-se totalmente articulado (epopularmente endossado) apenas no último terço do século XX (LEVIN, 2015).

⁴Teoria da evolução pela seleção natural foi defendida por Darwin (1809 -1882), um [naturalista britânico](#) que alcançou fama ao vencer a comunidade científica da ocorrência da [evolução](#) e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da [seleção natural](#) e [sexual](#). Sua teoria de de explicação defendia uma causa mecanicista para a existência de adaptações na natureza. Foi a primeira e a única alternativa científica ao “argumento do design” e isto, por si só já basta para destacar a importância do seu significado filosófico. No entanto, esta teoria também levanta outras questões filosóficas não encontradas no estudo das teorias da física. Infelizmente, o conceito de seleção natural está intimamente entrelaçada com os outros conceitos básicos da teoria evolucionária, tais como os conceitos de adequação e adaptação que são eles próprios filosoficamente

motivo, a função que tem hoje: rodar as nossas ideias e sensações, a racionalidade e os sentimentos (nossas mentes), mas acabou evoluindo na natureza e se tornando isto: um computador biológico muitíssimo sofisticado (FILHO, 2014).

Agora vejamos, onde entram os memes, nesta teoria denettiana da consciência. Primeiro, é preciso frisar que os memes são um termo empregado pela primeira vez por Richard Dawkins⁵ em seu livro *O gene egoísta* de 1976. Os memes são uma analogia de Dawkins com os genes para explicar como as ideias, ou seja, os memes são uma analogia com os genes para explicar como a cultura humana evolui. Dennett se apropriou deste conceito para formular seu conceito de consciência: aquilo que o nosso programa biológico (mente) de um computador natural (cérebro) está rodando são os memes (as ideias da cultura: sentimentos, emoções e razões) (FILHO, 2014).

Assim como os genes utilizam-se para reproduzirem-se de nós, os seres humanos, também os memes se utilizam. Porém, eles se utilizam, segundo Dawkins, dos cérebros de nossa espécie, o homo sapiens, para conseguirem se reproduzir. Por isso, são entidades entendidas como sendo a menor unidade que pode replicar a si mesma usando os cérebros e suas capacidades. Assim, os memes estão imersos no mundo cultural humano (ciências, literatura, filosofia, comunicação, etc.), como os genes estão imersos no mundo biológico natural.

A teoria dos memes é uma das tentativas mais conhecidas de buscar aplicar o pensamento evolucionário à cultura. Muito embora esse conceito de Dawkins tenha desfrutado uma considerável atenção popular, ainda assim, não se tornou bem conhecido nos círculos científicos, o que podemos notar após a exposição de alguns contraexemplos a teoria, que serão apresentados na próxima sessão.

Uma vez apresentado em um panorama geral o conceito de consciência de Dennett, agora parto para a exposição do conceito de *memes*, que alegarei ser falso. Sendo assim,

controversos. Felizmente, se tem conseguido progressos consideráveis ao obter uma clara explicação a respeito da seleção natural, mesmo sem resolver todos esses problemas pendentes (BRANDON, 2015).

⁵ Clinton Richard Dawkins (Nairóbi, 26 de março de 1941) é um etólogo, biólogo evolutivo e escritor britânico. É professor emérito do New College, da Universidade de Oxford e foi Professor para a Compreensão Pública da Ciência em Oxford. Ganhou grande destaque após ter escrito o livro *O Gene Egoísta* publicado em 1976. Esse livro difundiu a visão da evolução que é largamente conhecida hoje com a centralização da evolução das espécies sendo atribuída pelos nossos genes. Foi Dawkins que nesse livro introduziu o termo *memes* pela primeira vez, termo que também é utilizado por Dennett para compor o seu conceito de consciência (DAWKINS, 1979).

então o que são memes e para o que foram criados? Bem, esta teoria dos memes procura efetuar uma analogia entre a evolução genética e a evolução cultural por meio da *Teoria da Evolução* por meio da *Seleção Natural*. Essa analogia dos memes com os genes começa por uma caracterização abstrata da seleção como um processo que requer entidades que se reproduzem, de modo que os pais se assemelham aos seus filhos, etc. e, que isso, se dá através dos genes.

Para Dawkins, as entidades que têm a capacidade de fazer cópias fiéis de si mesmas são os “replicadores”. Esses replicadores são necessários para explicar esta semelhança que há de geração em geração. Nos modelos biológicos padrões da teoria da evolução isto é um pressuposto básico. Os genes são os *replicadores*, ou seja, eles são o relevante em uma explicação da semelhança das gerações. Se os genes fazem cópias de si mesmos, então esta capacidade de se copiar que eles possuem pode explicar por que os organismos de uma determinada prole se assemelham tanto uns com os outros. Da mesma forma, a cultura deve evoluir, segundo Dawkins, através de uma analogia entre genes e memes, ou seja, os memes seriam os responsáveis por replicarem a cultura.

É por isso que para Dawkins se torna necessário postular este ente, o meme, que é análogo ao replicador de semelhança das gerações, o gene, se ele pretende dar uma explicação biológica a nossa herança cultural. Daí que Dawkins, então, cria esta entidade abstrata como sendo a explicação capaz de ser o replicador da nossa cultura. Afinal são exatamente eles, os *Memes* que desempenham o papel de transmitir a cultura de geração em geração. Fazendo, aliás, com que ela se modifique e armazene o que é importante através de gerações. A analogia de Dawkins é simples: se os genes são responsáveis pela reprodução genética, os memes são os responsáveis pela nossa reprodução cultural e há os seguintes exemplos dessas entidades:

Memes são melodias, idéias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma idéia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a idéia pegar, pode-se dizer que ela se propaga a si própria, espalhando-se de cérebro em cérebro (DAWKINS, 1979, p.124).

Dennett também assume a alegação de Dawkins de que as ideias podem ser conceituadas como entidades que vão de mente para mente fazendo cópias de si mesmas através de um processo de *reprodução cultural* dos replicadores (memes) de ideias. Os memes são uma resposta atraente para se explicar a forma com que a cultura evolui. Porque assim como os genes fazem cópias de si mesmos em graus diferentes de acordo com os efeitos dos organismos que os carregam em seus ambientes locais, os memes poderiam fazer cópias de si mesmos, também em proporções diferentes de acordo com os seus efeitos sobre os organismos que os carregam (LEWENS, 2015).

Agora vejamos de perto como isto poderia acontecer segundo os adeptos da memética. Pensemos em ideias em uma universidade, ou em uma comunidade de pesquisadores em filosofia. Geralmente alguns pesquisadores em filosofia acreditam em coisas sobre o idealismo de uma forma mais forte, digamos assim, do que outros pesquisadores em filosofia. Um problema em filosofia, uma ideia, se inicia na mente de um ou mais pesquisadores. Porém, só se ela for aceita por mais pesquisadores é que ela se espalhará, podendo até ser amplamente difundida na comunidade de pesquisa filosófica se for o caso de se espalhar muito. Assim como aconteceu com as ideias difundidas de Platão⁶, Kant⁷, Aristóteles⁸ e Hume⁹. É pela mesma razão que outros problemas não são

⁶ Platão (429? - 347 AC) é geralmente conhecido como sendo um dos maiores escritores da tradição literária ocidental e muito conhecido na história da filosofia. Foi um cidadão de Atenas na Grécia de status elevado e escreveu sobre eventos políticos e movimentos intelectuais da sua época. Trouxe a tona questões grandiosas através de métodos tão ricos que autores de quase todos os períodos tiveram a sua influência. Além de que, filósofos costumemente são “platônicos” em algum aspecto de seus trabalhos. Mesmo que não seja o primeiro pensador que possa ser chamado de filósofo, ainda assim, Platão explanou sobre o tema da filosofia como ela é muitas vezes até hoje concebida. Argumentando que ela é um exame rigoroso e sistemático das questões éticas, políticas, metafísicas e epistemológicas que tem um método distinto e próprio. Quase nenhum outro autor na história da filosofia ocidental pode chegar perto da profundidade e amplitude que ele chegou. Talvez apenas Aristóteles, que foi seu discípulo, embora Tomás de Aquino e Kant sejam também geralmente aceitos como autores do mesmo nível que ele (KRAUT, 2015).

⁷ Immanuel Kant (1724 a 1804) é geralmente reconhecido como o filósofo mais importante e influente da era moderna. Fonte de inspiração determinante do Idealismo Alemão (Fichte, Schelling e Hegel) no século XIX. Detentor de uma filosofia revolucionária, Kant proporcionou uma doutrina não apenas histórica, mas também divisora de águas no pensamento “pré-moderno” e no pensamento genuinamente “crítico” (FILHO, 2014, p.97).

⁸ Aristóteles (384-322 aC) está entre os maiores filósofos de todos os tempos. Apenas Platão é considerado um autor que pode ser comparado a ele. As suas obras têm influência ao longo dos séculos, desde a filosofia da Antiguidade até a Renascença e ainda hoje, suas obras continuam a ser estudadas com grande interesse não apenas histórico. Foi um pesquisador com mais de 100 tratados, mas que sobreviveram cerca de trinta e um. Sua obra abarca uma vasta gama de disciplinas: lógica, metafísica e filosofia da mente, ética, teoria política, estética e retórica, e também áreas não-filosóficas como a biologia empírica, onde fez plantas detalhadas da

considerados genuinamente filosóficos, mas pseudoproblemas, diriam os adeptos da memética, pois que não passam de meras confusões conceituais, por exemplo (FILHO, 2015, p.150).

Algumas ideias filosóficas se estendem e se espalham enquanto outras não. Alguns memes filosóficos teriam características que os tornam mais propensas a se espalhar do que outros. A reprodução dos memes ocorre através deles, destas entidades replicadoras da cultura, por meio de uma analogia com os genes. Os memes são uma analogia com os genes, mas que não pode ser vista como literal, pois esta perspectiva não pretende mostrar que somos manipulados por replicadores culturais egoístas. Antes, Dawkins quis demonstrar é que, por exemplo, as mudanças nas pesquisas em filosofia estão vinculadas a uma luta entre memes, ideias.

No entanto, será que nós podemos descrever exatamente o todo deste processo? Conseguiremos explicar como uma ideia evoluiu e é passada adiante, dizendo que os pesquisadores em filosofia que *escolhem o que aceitar ou rejeitar* e, por isso, determinados problemas e respostas a problemas filosóficos podem ser aceitos em vista dos critérios de cada pesquisador? Critérios estes que podem ser vários, como a familiaridade com alguma teoria, por exemplo, ou o poder explicativo de uma teoria, de onde a teoria surgiu, a estética da teoria, ou apenas outra, das várias coisas que dependem da subjetividade, das ideias de cada sujeito e seus memes egoístas? (FILHO, 2014, p.150).

Não é apenas um processo que ocorre nas seleções das ideias por meio dos memes, mas vários processos que são tomados em conjunto no que se trata da seleção dos memes egoístas. Essa visão egoísta e manipuladora é apenas uma característica acidental do que Dawkins diz a respeito do egoísmo nos memes. Privar os seres humanos do controle sobre as ideias não é o ponto, o que importa é o que os memes fazem, ou seja, a batalha entre eles

observação de animais e sua taxonomia. “Em todas essas áreas, as teorias de Aristóteles ter fornecido iluminação, encontrou resistência, provocou um debate, e, geralmente, estimulou o interesse de um público permanente (SHIELDS, 2015).

⁹ Filósofo mais influente da língua inglesa, pois contribuiu não apenas para com a filosofia, mas a política, história, economia, demografia, sociologia e psicologia. David Hume foi também bem conhecido em seu tempo como um historiador e ensaísta. Foi um mestre em qualquer gênero, suas principais obras-A filosóficas são o Tratado da Natureza Humana (1739-1740), os inquéritos sobre o Entendimento Humano (1748) e sobre os Princípios da Moral (1751), bem como seus Diálogos postumamente publicados sobre a Religião (1779) e até hoje é profundamente influente (FILHO, 2011, p.13).

e não, o que os seres humanos querem aceitar (LEWENS, 2014). Porém, isto abre caminho para muitas dúvidas como veremos na próxima sessão.

Na obra de Dawkins a analogia entre genes e memes é ampla. Memes obedecem às mesmas leis de seleção natural que os genes. Porém, Dawkins não caracteriza especificadamente os seus mecanismos, como o são os elementos biológicos, que dizem respeito à ontologia dos genes. Sabemos do que os genes são feitos, mas não sabemos do que os memes são constituídos. Para qualquer outro elemento que obedeça às mesmas leis gerais da seleção natural, como o é o caso dos memes, no que trata da variação, hereditariedade e aptidões proporcionadas pelos diversos ambientes esta analogia deveria funcionar. Se os memes são iguais aos genes e eles não são idênticos, em certo sentido, no que diz respeito aos seus corpos biológicos que os transportam e permitem que eles se reproduzam isso acarretará mais alguns problemas.

A evolução cultural dos *memes* acontece graças a um complexo processo evolutivo que foi iniciado pelos organismos biológicos mais simples que possibilitaram a oxigenação do planeta. A linguagem tem um papel fundamental aqui, pois essa oxigenação deu oportunidade ao surgimento de outros organismos biológicos, que inclusive se alimentavam das plantas e posteriormente, esses organismos vivos acabaram desenvolvendo cérebros, que adquiriam algumas capacidades ampliadas junto à evolução dos *memes*, como a fala e finalmente, puderam ser transmitidos. Os memes se reproduziram graças à linguagem e assim puderam migrar de um cérebro a outro (FILHO, 2014, p.151).

No entanto, a reprodução física dos memes não garante a sua sobrevivência, pois mesmo que os memes passem de uma mente para outra através da linguagem, essa reprodução física, não é capaz de garantir a sua sobrevivência, pois os memes precisam dos cérebros antes de tudo e deles mesmos para sobreviver. Apesar, de que, para existirem, os memes precisam de livros, cartas, etc. Não há razões explicando como os memes conseguem sobreviver como o há no caso dos genes. Mesmo assim, alguns memes prevalecem, enquanto outros não, de acordo com Dawkins e Dennett, qual a explicação? Isto parece acontecer, é intuitivo dizer que certamente há uma competição entre eles, ou seja, entre as ideias, mas qual o dado biológico para essa replicação?

Tanto Dawkins como Dennett não se apropriam de uma teoria geral sobre o que fazem os memes se manterem vivos, tão pouco, como eles fazem para serem bem sucedidos

em suas reproduções, para continuarem se reproduzindo e se expandindo na cultura humana. Não há uma explicação de como uma ideia sobrevive ao longo do tempo e é adotada por um sujeito capaz de entendê-la (PAULO, 2012, p.63). Embora alguns poucos fatores, que são contingentes e não necessários possam ser enunciados a respeito de como os memes conseguem manterem-se vivos, ainda assim, não parecem ser razões suficientes para apoiar a teoria a respeito dos memes, como veremos mais adiante.

O que importa para Dennett em sua afirmação de que a mente consciente humana é ela mesma um produto da reestruturação do cérebro humano através dos memes, que acontece desde a criação da linguagem e da civilização desde algo em torno de 100.000 anos atrás, é que a mente consciente, é um novo tipo de evolução. Evolução que procede com velocidade muito mais rápida que a baseada em genótipos e suas manifestações fenotípicas, tendo consequências para a visão da consciência humana, que é vista como efeito de um complexo conjunto de memes (DENNETT, 1995, p.207-208).

A partir do conjunto de estratégias de autoexploração e automanipulação que se formam na visão de Dennett, nossos hábitos e disposições para agirmos de determinados jeitos que agimos. São esses mecanismos de autoexploração e automanipulação que alteram a estrutura da comunicação de nossos cérebros. Nossos hábitos e disposições acabam espalhando-se por meio da cultura, através da disseminação desses hábitos e disposições, fazendo com que, estas disposições se tornem exatamente aquilo que são: os memes (ideias). Ai que se encontra a relevância crucial dos memes para a teoria dennettiana da consciência. São exatamente eles, os memes, que tornam possível essa máquina virtual implantada na plasticidade do cérebro humano que evoluiu na natureza: máquina que é efeito, ou seja, o resultado de um enorme complexo de memes (DENNETT, 1995, p.223). Agora, procurarei apresentar o que acredito estar errado com esta concepção analogia entre genes e memes e o porque o conceito de meme, sendo falacioso, não poderia compor um conceito de consciência que esteja correto.

2. GENES, MEMES E CONSCIÊNCIA: ANALOGIAS INCORRETAS

Nesta sessão apresentarei alguns contraexemplos a este conceito fundamental da teoria da consciência dennettiana: os memes. Primeiro apresento as razões que John Searle¹⁰ tem para considerar a *analogia* entre gene e meme um erro. Depois, procuro apresentar outros contra exemplos de que memes e genes não podem ser análogos em um sentido relevante enquanto replicadores discretos. Afinal um gene pode nos apresentar sua origem, a sua hereditariedade e, no que diz respeito a uma ideia (linguagem), a sua origem não é tão bem definida.

Começamos por averiguar a observação de Searle. Para ele, Dennett ataca o *Teatro Cartesiano*¹¹ não para fundamentar sua perspectiva para o estudo da consciência, mas sim para negar os estados subjetivos. Searle diz que Dennett ataca o *teatro cartesiano* não para mostrar ao leitor que tais *estados mentais* qualitativos ocorram em todo o cérebro e não em uma região específica e sim, porque quer demonstrar que estar consciente seria “implementar um certo tipo de programa ou programas de computador em uma máquina paralela que evolui na natureza” (SEARLE, 1998, p.125), como vimos anteriormente.

No entanto, a nossa consciência, como vemos nas próprias palavras de Dennett, não passa de efeitos desses memes em nossos cérebros. Nossas máquinas biológicas, nossos hardwares são o que rodam nossa mente consciente (certo tipo de programa de computador) não foi selecionada pela natureza com esse objetivo. Porém, uma vez que os *memes* são uma analogia com os genes é importante ressaltar que eles nos utilizam para o fim de se

¹⁰ Filósofo norte americano e um dos grandes pensadores da filosofia da mente na atualidade. Famoso por seu célebre argumento do “Quarto Chinês”, que visa derrubar a teoria da Inteligência Artificial Forte (IA Forte). Nascido no dia 31 de julho de 1932, é professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia (EUA), e começou seu trabalho acadêmico se preocupando com questões referentes à linguística e a filosofia da linguagem, escrevendo textos sobre os *speech acts* (atos de fala), (JUNIOR, 1998, p.11-18).

¹¹ Segundo Dennett, este é o modelo para o estudo da consciência hegemônico na filosofia da mente. Dennett dirige duras críticas a este modelo, procurando afastar essa noção da sua teoria da consciência. Essa noção sobre o mental diz respeito à visão que pressupõem que em nosso cérebro há um lugar específico onde nossas experiências conscientes se manifestam. Local que deveria estar no cérebro, mas para Dennett não existe. O *teatro cartesiano* é uma televisão, imagine que dentro de sua cabeça você tem uma televisão ligada e há alguém que está vendo esta televisão, você. Com os olhos abertos a televisão está ligada e bem sintonizada no canal de sua vida consciente. Com os olhos fechados e sem ouvir nenhum barulho, por exemplo, não passaria nada em sua televisão. O *teatro cartesiano* seria isso, a sua vida mental sendo representada em algum lugar do cérebro que somente você teria acesso e enxergaria. Esse local Dennett nega, pois não pode ser encontrado pelas pesquisas empíricas que se ocupam do cérebro (FILHO, 2015, p.127).

preservar, reproduzir. Os *memes* de Dawkins estão imersos no mundo cultural humano, efetuando uma evolução cultural por meio da evolução biológica e seriam os replicadores culturais que explicam a nossa herança cultural. No entanto, se o mundo físico é inanimado e nós seres animados, que temos intencionalidade e nos envolvemos com problemas teleológicos somos herança dessas coisas físicas inanimadas, segundo o darwinismo. Porém, para Searle, se a evolução natural nos ensinou algo, é que a natureza é cega, pois prossegue remando em um barco sem saber para onde vai, prosseguindo, mudando através de forças “brutas e obscuras” (SEARLE, 1998, p.124).

Dessa forma, se a natureza não é dirigida, se a natureza não tem um objetivo, uma finalidade, pois não é consciente. Como a cultura evolui assim como as espécies, já que a cultura abrange, sobretudo, a linguagem, e a esta, envolve intencionalidade consciente, que é algo que a natureza não é? Como é que a cultura poderia ter um propósito, já que os genes, na verdade, não têm propósito algum? Aqui reside o ponto central da crítica de Searle ao conceito de meme herdado por Dennett em sua teoria. É notável que a grande contribuição de Darwin é que toda a teleologia que nós atribuímos às coisas que fazemos e com respeito à natureza resulta apenas de uma ilusão. Isto porque, o processo evolutivo, como bem mostrou Darwin, ocorre, sem propósito algum. Esta analogia dos memes com os genes não pode em princípio ser boa para Searle. Afinal de contas insere intencionalidade onde não há. Uma vez que partículas físicas e químicas simples não tem uma mente, não são racionais, tão pouco, intencionais, como nós que escolhemos o que seguir e acreditar, pois temos linguagem abstrata.

A difusão de ideias através da imitação tal como propõe a teoria dos memes, precisaria ser intencional como o é a consciência humana, mas isso contraria os ensinamentos de Darwin a respeito da evolução. A analogia fracassa, pois memes não deveriam ser compreendidos e interpretados, muito menos deveriam ter uma finalidade para serem análogos aos genes. Mesmo assim, a evolução cultural acontece apenas após uma *ideia* ser entendida como boa, isto é, após ela ser desejável e só depois, das ideias serem julgadas por um agente intencional é que elas evoluem, ou seja, continuam existindo, sendo difundidas, imitadas, etc. No entanto, o “imitador”, o replicador cultural é o meme. Se genes e memes são análogos, porque memes são conscientes e genes são inconscientes? Não deveriam ser iguais, ou seja, se replicarem da mesma maneira? Mas a “transmissão de

ideias através de imitação é totalmente diferente da transmissão de genes através da reprodução” (SEARLE, 1998, p.125).

O conceito de *meme* não pode ser *unidades culturais*, porque eles não são replicadores, como são os genes. Penso que para esta analogia dar certo, os memes teriam de serem replicadores, como são as suas cópias, os genes. Porém, replicadores são unidades que fazem cópias de si mesmos. Não existe nenhum mecanismo que possa ser conhecido para explicar como os *memes* são de fato copiados, pois uma ideia apenas pode ser copiada através da observação e inferência intencional, o que os genes, por exemplo, não são. Os memes precisam do raciocínio intencional para se replicar, ou seja, precisam de um agente intencional consciente para formulá-los e divulgá-los, como também, de vários outros agentes para selecioná-los (LEWENS, 2015), (SEARLE, 1998).

As ideias que copiamos através de uma imitação são diferentes das cópias que fazem os genes, enquanto replicadores. As cópias dos memes, são por imitação de agentes intencionais e por isso, estão sujeitas a muitos erros. Tanto os genes quanto os memes se replicam a si mesmos através de seu hospedeiro, mas ambos têm uma diferença crucial no que diz respeito à possibilidade de erro na sua imitação. Afinal se os memes se propagam através da comunicação linguística, então eu posso estar convencido de que um carro de bom é um Opala 1972 e comunicar essa crença a um amigo. Meu amigo pode ser influenciado por ela e pode passar a achar o mesmo sobre o Opala 1972, mas o contrário também pode ocorrer. Uma crença X faz uma cópia de si mesma seja por comunicação ou inferência, mas através do julgamento de um agente que é intencional. No entanto, uma imitação é muito propensa a erros para apoiar uma replicação dela mesma, como nos genes que se replicam, sem precisar de agentes intencionais linguísticos.

Outro contraexemplo simples é que eu posso assar um churrasco com base em uma receita a respeito de certo modo que eu acredito ser o caso, de como se deve espetar e salgar uma carne. Você pode comer o churrasco que eu fiz e, por exemplo, gostar muito. Porém, do fato de você gostar e ter me visto fazer não significa que irá imitar o sabor, pois as chances do seu churrasco ficar igual, apenas através da imitação de minha receita são muito pequenas, pois a imitação depende de várias coisas que incluem, por exemplo, a carne, os espetos, o carvão, etc. mesmo, que estas sejam coisas simples de imitar, precisam ser exatamente iguais, para que a replicação seja perfeita. Embora se esforce para seguir a

mesma receita, ainda assim o gosto do churrasco tem uma probabilidade muito grande de não ficar idêntico.

Daqui espero ter demonstrado que quando as ideias se espalham, ou seja, os memes, quando se replicam, não o fazem através de uma cópia literal, como no exemplo do churrasco. Mesmo que se copie uma ideia, ainda assim isso não significa que o meme fique igual, pois depende muitos outros aspectos, que os genes, seus análogos, não. Acredito que isto levanta sérios problemas para a generalidade do conceito de memes como análogos aos genes, pois nem todas as ideias são replicadores, tal como, os genes. Se nem todas as ideias são memes, mas todos os genes são replicadores. Então os memes não são replicadores. Ampliando a crítica ao conceito de memes, poderíamos dizer que as unidades culturais não formam linhagens, assim como os genes. Essa crítica se baseia no seguinte: enquanto na replicação genética podemos traçar uma nova cópia de um gene de volta para um único pai, ideias raramente são copiados a partir de uma única fonte de uma forma que nos permita traçar linhagens claras e distintas até quem as concebeu de fato.

Os que adotam a teoria dos memes gostam de analisar a crença religiosa em termos de propagação de memes, tal como Dennett mesmo o faz. No entanto, as crenças religiosas podem muito bem se espalhar através populações de seres humanos sem que pra isso sejam memes, pois é pouco provável que sejamos capazes de rastrear a fé, podendo voltar até sua origem, tal como podemos fazer com os genes. Isso porque as pessoas muitas vezes adquirem a crença em Deus, através de muitos fatores, como por exemplo, a exposição a vários crentes em uma comunidade local ou ter medo de morrer e acreditar que tal religião lhe dará vida após a morte, etc. Porém, qualquer que seja o fator para a aceitação da crença, da ideia, não faz dessa crença, um meme, pois memes não são causados, ou seja, replicados, por um símbolo que é identificável anteriormente até a sua origem e que seja do mesmo tipo que os outros, como acontece, no caso dos genes (LEWENS, 2015).

Uma determinada crença em Deus pode, por exemplo, ainda às vezes, ser causada pela exposição a um único evangelista, em outras vezes pode ter sido causada pela inculcação conjunta de dois pais biológicos e, às vezes, uma crença em Deus ainda pode ter sido causada pela imersão em uma comunidade difusa de teístas durante muito tempo. Assim, a analogia entre genes e memes fracassa se notarmos que a cultura não pode ser

disseminada através de unidades discretas, como são os replicadores dos genes (LEWENS, 2015).

Toda e qualquer ideia, quando relacionadas, sempre está em uma relação lógica. Deve ser por isso que a capacidade de adquirir alguma crença depende das competências conceituais do indivíduo que as utiliza. É impossível acreditar na teoria da relatividade sem compreendê-la. Da mesma forma, não se pode compreender a teoria da relatividade sem ter muitas outras crenças adicionais relativas à Física. Isto vale para as ideias, que seriam memes, mas não para genes. Tanto as teorias científicas, quanto as religiões estão relacionadas a várias outras crenças, mas os genes, que seriam análogos aos memes, não estão relacionados a ideias para poder se replicar. Parece loucura procurar argumentar que a cultura possa ser reduzida em unidades discretas como são reduzidos os genes, os replicadores biológicos. Porque os memes, ou seja, a cultura não teria capacidade de se replicar de forma individual como fazem os genes (LEWENS, 2015).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurei apresentar o conceito de consciência de Dennett. Conceito constituído em sua maior parte por um conteúdo. Dennett define este conteúdo como sendo memes. Aquilo de que estamos conscientes, segundo Dennett, são os memes.

De acordo com o funcionalismo adotado por Dennett para dar a sua explicação a respeito do que é uma mente. Estes memes, ou seja, o conteúdo consciente da mente humana, por exemplo, estaria ativamente funcionando dentro de nossos crânios por meio dos nossos cérebros que evoluíram e foram selecionados pela natureza. Nossas mentes conscientes não passariam de uma analogia com os computadores comuns. A mente é um software a rodar em nossos hardwares, cérebros, que possuem uma arquitetura paralela, como a dos computadores modernos normais.

O conteúdo das nossas mentes para Dennett é aquilo que está consciente em nossas mentes. Assim, como vimos neste artigo, o que estamos conscientes são os memes, pois os memes são propriamente o conteúdo da nossa consciência. Vimos também o que são memes. Eles são o que Dawkins definiu como sendo uma analogia com os genes. Analogia

que Dawkins fez para tentar explicar a forma como a cultura humana evolui. Segundo Dawkins, a cultura humana evolui através dos memes, que são análogos aos genes. Por isso, os memes são considerados por Dennett e Dawkins como sendo, replicadores culturais.

No entanto, os memes, responsáveis por replicarem a cultura humana na natureza através dos nossos cérebros não são uma analogia correta com os seus correlatos, os genes. Demonstrei isto através de diversos contraexemplos de porque os memes não podem ser considerados replicadores discretos que reproduzem a si mesmos, assim, como o são os genes. Isto porque, basicamente a imitação e a reprodução de ideias através da comunicação linguística não é um fenômeno tão simples e previsível como a matéria física, química e biológica de que é composta os genes. Afinal, nem se quer se sabe do que são compostos em termos físicos, químicos e biológicos os memes. Por isso, argumentei ao longo do artigo que Dennett se utiliza de um conceito falacioso para compor a sua teoria da consciência e que por esta razão, a sua teoria é no mínimo vulnerável ou de uma forma mais forte, poderia se dizer que sua teoria é falsa.

REFERÊNCIAS

BRANDON, Robert. **Natural Selection** in: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2014 Edition), Edward N. Zalta (ed.) disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/natural-selection>, acessado em: 03/05/2015.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

DENNETT, Daniel. **La consciencia explicada**: una teoría interdisciplinar. Barcelona: Editorial Paidós, 1995.

FILHO, Clézio Fonseca. **História da computação: O Caminho do Pensamento e da Tecnologia**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007.

FILHO, Márcio Francisco Rodrigues. **A Consciência Inexplicada: As Críticas de Searle ao Funcionalismo de Dennett**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2015.

FILHO, Márcio Francisco Rodrigues. **Sobre um Entendimento Irracional: as Críticas de Schopenhauer ao Conceito de Entendimento de Kant.** Trabalho de conclusão de curso – Unidade de Ciências Humanas – Curso de Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

KRAUT, Richard. **Plato.** *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.), disponível em:
<http://plato.stanford.edu/archives/spr2015/entries/plato>, acessado em 04/05/2015.

JUNIOR, Bento Prado. Apresentação. In: Searle, John. **O mistério da consciência e discussões com Daniel C. Dennet e David J. Chalmers.** São Paulo: Paz e terra, 1998.

LEWENS, Tim. **Cultural Evolution** in: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2013 Edition), Edward N. Zalta (ed.), disponível em:
<http://plato.stanford.edu/archives/spr2013/entries/evolution-cultural>, acessado em 11/03/2015.

LEVIN, Janet. **Functionalism** in: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2013 Edition), Edward N. Zalta (ed.), disponível em:
<http://plato.stanford.edu/archives/fall2013/entries/functionalism>, acessado em: 06/05/2015.

PAULO, Gustavo Vargas de. **Dois diferentes perspectivas para o estudo da consciência na filosofia contemporânea da mente.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de filosofia e ciências, programa de pós-graduação em filosofia, área de filosofia da mente, epistemologia e lógica. Universidade Estadual Paulista, SP, 2012.

SHIELDS, Christopher. **Aristotle** in: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2014 Edition), Edward N. Zalta (ed.), disponível em:
<http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/aristotle>, acessado em: 05/05/2015.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **A mente segundo Dennett.** São Paulo: Perspectiva, 2008.